

ISSN: 1981-4755
Vol. 13 nº 24
1º Sem. 2012
p. 161 - 175

**O VERBO TOMAR
COMO VERBO-
SUPORTE NO
PORTUGUÊS
ARCAICO**

THE VERB “TOMAR” AS
SUPPORT-VERB INTO THE
ARCHAIC PORTUGUESE
LANGUAGE

Maria Regina Pante¹

¹ Professora doutora Associada do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). email: mrpante@hotmail.com; mreginapante@gmail.com.

Resumo: Discutem-se neste artigo as ocorrências do verbo *tomar* como verbo-suporte no português arcaico, tomando como *corpus* de análise o *Orto do Esposo*, texto religioso pertencente ao fim do século XIV ou começo do século XV. Objetiva-se investigar se, já na fase arcaica da língua portuguesa, essas construções apresentavam características semelhantes às aquelas identificadas em textos contemporâneos. As construções aqui eleitas para análise se restringem às aquelas que apresentam, no texto, verbos plenos correspondentes à estrutura *tomar* + SN (sintagma nominal). Excluímos, portanto, construções com *predicados nominais autônomos* ou *nomes autônomos*.

Palavras-chave: *Português arcaico, verbo-suporte, verbos plenos.*

Abstract: This paper discusses the occurrences of the verb "tomar" as support-verb in the Archaic Portuguese taking as *corpus* for the analysis the religious text *Orto do Esposo*, which belongs to the end of the fourteenth century or the early fifteenth century. It aims to investigate whether in this archaic stage of the Portuguese language these constructs had similar characteristics to those identified in the contemporary texts of today or not. The structures chosen for the analysis here are restricted to those that present in the text full verbs corresponding to the structure "tomar + NP (Noun Phrase)". Such constructions with autonomous nominal predicates or autonomous names were, therefore, excluded from the analysis.

Key words: Archaic Portuguese, support-verb, full verbs.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos uma revisão da literatura acerca das construções com verbo-suporte no português do Brasil e, posteriormente, analisamos as ocorrências do verbo *tomar* nesse tipo de construção n' *Orto do Esposo*, texto religioso anônimo pertencente ao final do século XIV ou começo do XV. A escolha por esse verbo se justifica pela sua alta produtividade nessa fase da língua portuguesa.

PESQUISAS COM VERBOS-SUPORTE

As construções com verbos-suporte vêm sendo objeto de pesquisa em várias línguas e períodos: Chaurand (*apud* RANCHHOD, s/d) e Giry-Schneider (1978; 1987) voltaram-se para a língua francesa arcaica e contemporânea, respectivamente; Azevedo Ferreira (1980/1981) pesquisou essa construção no espanhol arcaico; Neves (1996; 2000), em *corpora* contemporâneos, aplicou, de acordo com as possibilidades da língua portuguesa, os testes de Radford (língua inglesa), e de Giry-Schneider (língua francesa); Vieira, especificamente com o verbo *fazer*, aplicou os testes de Neves a situações de uso do português contemporâneo.

Para a fase arcaica da língua portuguesa, todavia, pesquisas voltadas para o funcionamento desses tipos de construções ainda são escassas. Chacoto (1996) abordou o verbo *fazer* e Ranchhod (s/d) desenvolveu trabalho mais extenso acerca de vários verbos em construções-suporte. Mattos e Silva (2002), em análise de obras de João de Barros, observou o emprego variável dos verbos *ter* e *haver* em estruturas que expressavam noção de posse, aí incluídas algumas situações em que é possível vislumbrar esses verbos funcionando como verbos-suporte.

No que concerne à fase arcaica do português, essas pesquisas são pioneiras sobre esses tipos de construção, as quais se situam em meio a um *continuum*, cujo ponto de partida é o verbo em seu sentido pleno (verbo + argumento) e cujo ponto de chegada é a construção com o verbo em estruturas cristalizadas.

Em vista da escassez de pesquisas com essas construções em fases recuadas da língua portuguesa, revisitamos as suas peculiaridades no português contemporâneo e aplicamos alguns testes em construções do português arcaico, a fim de averiguar se essas estruturas já se faziam presentes na fase arcaica do português.

CARACTERÍSTICAS DAS CONSTRUÇÕES COM VERBO-SUORTE

Os verbos-suporte, também conhecidos por verbalizadores, verbos funcionais, verbos leves, têm esse nome porque “suportam” as categorias de modo, tempo, número e pessoa e não constituem sozinhos o núcleo verbal. Segundo Neves (1996), são verbos esvaziados semanticamente e que permitem construir um SN com V-n em relação de paráfrase com um SV. E, segundo Pezatti (2002, p. 299), nessas construções o verbo não participa da estrutura argumental, pois “marca apenas tempo e aspecto e serve para introduzir uma espécie de predicativo que veicula o maior conteúdo semântico.”

Em determinadas construções, os verbos têm os seus argumentos internos representando o papel semântico de participante e funcionando como predicantes, ou seja, “funcionam juntamente com o verbo para formar um predicado, para orientar, ou para classificar ou identificar um referente” (DUBOIS; THOMPSON, 1991 apud NEVES, 2006, p. 202).

Segundo Neves (1996, p.202), essa não é uma condição imprescindível para definir esse tipo de verbo, porque “não se pode desconhecer que há construções desse tipo que não possuem correlatos semânticos constituídos por verbos simples.” Em vista disso, ela estende essa definição esclarecendo que

esses verbos são bastante esvaziados do ponto de vista semântico e formam com o seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua (NEVES, 2000, p. 53).

Ranchhod (s/d) e Chacoto (1996) também identificaram, no português arcaico, tipos de nomes que não apresentavam

verbo pleno correspondente, pelo menos nos *corpora* analisados, e os denominaram *predicados nominais autônomos* e *nomes autônomos*, respectivamente.

Quanto às motivações para o emprego de um verbo-suporte em detrimento de um verbo pleno correspondente ou não, Neves (1996, p.214-215) observa que, com essa substituição, obtém-se uma maior versatilidade semântica, ou seja, diferentemente do sintagma verbal (doravante SV), pura e simplesmente, o emprego de um sintagma nominal (doravante SN) permite a adjetivação do nome complemento do verbo-suporte, ora qualificando-o (...*tomar atitudes...autoritárias...*, em vez de *agir autoritariamente*), ora classificando-o (...*dar a opinião pessoal...*, em vez de *opinar pessoalmente*).

Vê-se claramente, nos exemplos acima, a mudança de escopo dos elementos, pois *autoritárias* e *pessoal* têm como escopo de incidência, respectivamente, os SNs *atitudes* e *opinião*, ao passo que os escopos de *autoritariamente* e *pessoalmente* são, respectivamente, os SVs *agir* e *opinar*.

Baptista (s/d) define essa transformação como *descida do advérbio* e assim esclarece:

Quando existe uma frase de núcleo predicativo verbal ou adjectival equivalente (*Nominalização*), os advérbios modificadores desses operadores “descem” sob a forma do adjectivo morfológicamente associado para a posição de modificador do nome predicativo: *O Pedro ajudou constantemente a Inês* [Nom] = *O Pedro deu uma ajuda constante à Inês*.

Ainda segundo o autor, “essa propriedade é particularmente relevante no caso de adjectivos que exprimem valores de natureza temporal-aspectual (como, p.ex., *constante*) e esses adjectivos são incompatíveis com os nomes não-predicativos: **O Pedro deu um livro constante à Inês*” (BAPTISTA, s/d).

Baptista (s/d) também observa que, pelo fato de o verbo-suporte não ser o elemento nuclear da frase, ele pode

apresentar variantes aspectuais e/ou estilísticas, como em *O Pedro deu/prestou ajuda à Inês*, fato que não pode ser observado quando a estrutura apresenta o verbo em seu sentido pleno, pois ocorrerá mudança de sentido, como em *O Pedro (deu + *prestou) um livro à Inês*.

Essa última propriedade também foi identificada por Ranchhod (s/d), ao analisar ocorrências de verbos-suporte na *Crônica Geral de Espanha*, documento de 1344. Segundo a autora, registraram-se vários verbos *que*, não sendo verbos auxiliares noutros contextos, quando combinados com um nome predicativo, perdem as suas propriedades distribucionais para adquirirem o estatuto de variantes aspectuais e estilísticas” (RANCHHOD, s/d).

Uma outra característica desses tipos de construção é a possibilidade de detransitivização do verbo, ou seja, enquanto a construção com verbo pleno prevê a presença de argumento interno, na construção com verbo-suporte ocorre uma redução da valência verbal a depender das intenções de quem fala ou escreve. Nesses casos, o emprego do verbo-suporte + SN pode omitir um ou mais argumentos internos² do verbo, o que, em geral, resulta na presença apenas do sujeito (argumento externo).

Ampliando essas características dos verbos-suporte, Chacoto (1996, p.73) propõe a relação estabelecida entre o sujeito da frase e o nome predicativo como determinante para identificar as frases com predicados nominais e, conseqüentemente, as construções com verbos-suporte. Segundo ela, “O sujeito do verbo é também, digamos assim, o ‘sujeito/agente’ do nome predicativo. Daí que a inserção de um complemento de Nhum³ não seja possível”⁴. A autora cita,

² O argumento é o termo exigido pelo verbo; pode ser externo (o sujeito) e interno (os complementos preposicionados e os não-preposicionados).

³ Nhum= Nome humano.

⁴ Esse teste também foi adotado por Giry-Schneider e, posteriormente, por Neves.

como exemplo, excertos retirados de *A Demanda do Santo Graal* (século XIV):

- a) Gallaaz fez a jura de Galuam.
- b) Gallaaz fez a minha jura.

Observa-se que a inserção de um SN com o traço semântico de [+humano] (de Galuam) inviabiliza a construção, evidenciando que o sujeito da ação não pode ser diferente do sujeito Gallaaz. Compare-se esse exemplo com outro do português brasileiro contemporâneo, apresentado por Neves (1996, p.204): “*ele, além de assistir aula...ele é obrigado a fazer estágio de Maria em todas as especialidades”.

Segundo Neves,

essa propriedade é compatível com a intuição de que esse tipo de nome não tem referente próprio (um 'estágio' não existe independentemente da pessoa que o faz) e de que a relação entre o sujeito do verbo e o nome núcleo do sintagma de + Nhum é do tipo 'inalienável' (uma pessoa não faz 'estágio' de outra) (NEVES, 1996, p. 204).

Em suma, os autores que pesquisam as construções com verbos-suporte apontam que essa preferência em detrimento de verbos plenos correspondentes evidencia a obtenção de efeitos na configuração textual, efeitos esses que pretendemos investigar em uma obra pertencente à fase arcaica da língua portuguesa.

ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DO VERBO *TOMAR* N' *ORTO DO ESPOSO* (XIV~XV)

Conforme delimitamos no início, dentre as várias ocorrências do verbo *tomar* como verbo-suporte identificadas n' *Orto do Esposo*, selecionamos apenas aquelas cujo verbo

tomar, em construções do tipo *tomar* + SN, também apresentava, na mesma obra, os verbos plenos correspondentes a essas construções, a fim de verificarmos quais as motivações possíveis para o emprego do verbo-suporte em detrimento do verbo pleno. Excluímos desta análise, portanto, as construções com *predicados nominais autônomos* ou *nomes autônomos*, expressões empregadas por Ranchhod (s/d) e Chacoto (1996) para os nomes que não apresentam um correspondente verbo pleno.

Uma das ocorrências identificadas é a construção *tomar afeitamento*, para a qual também identificamos o verbo pleno *afeytar*:

- (1) ...que sodes semelhantes a Deus $\frac{1}{2}$ na m $\frac{1}{2}$ te, **tomades afeytam $\frac{1}{2}$ tos** das cousas bayxas da natura...
 (2) ...os bõos costumes de fora apostam e **afeytam** muyto o hom $\frac{1}{2}$...

Em (01), a construção com verbo-suporte possibilita a complementação do SN *afeytamento* com outro SN (*das cousas bayxas*), ao passo que em (02) o SN desempenha função de argumento interno do verbo pleno *afeytar*. Além disso, em (01) não há intensificação/qualificação do SN, enquanto em (02) ocorre o emprego do intensificador *muyto*, cujo escopo de incidência é o verbo pleno *afeytam*. Se esse elemento fosse empregado em (01), o resultado seria outro, visto que ele funcionaria como quantificador do SN *afeytamentos*: *tomades muitos afeytamentos*.

Nas construções *tomar conselho* e *conselhar*, observamos outras características:

- (3) Eu uos amoesto que uaades todos tres a elle, e **tomade seu conselho** por remiimento de uossos peccados.
 (4) ...e a rrazom asy **lho conselha**...
 (5) Ca ella tam sagesmente falaua e tã discretamente **conselhaua** e tam proueytosam $\frac{1}{2}$ te emduzia.

Em (03), embora tenhamos, aparentemente, uma construção com verbo-suporte, o fato de termos o pronome *seu* nos impede de incluí-la entre as demais. Conforme vimos anteriormente, segundo Chacoto (1996), uma das condições para que tenhamos nome predicativo e verbo-suporte é que o sujeito do verbo também seja o sujeito/agente do nome predicativo, fato que não observamos em (05): temos o pronome *seu*, que retoma anaforicamente *elle*, anteriormente mencionado, o que impossibilita que o sujeito seja o mesmo de *tomade*, que se refere a *vade todos tres*.

No excerto (04), o verbo pleno necessita de um argumento interno, representado, no contexto, pelo pronome *lho*, forma contraída da preposição *lhe* com o artigo *o*. O excerto (05), todavia, em vez de apresentar um argumento interno para o mesmo verbo, traz um satélite⁵.

Encontramos também as ocorrências *tomar cuidado* e *cuidar*⁶:

- (06) ...e **toma grande cuydado de** auer morada sollepne.
 (07) E **tomaua grande cuidado** e diligencia **pellos** ricos...
 (08) Porque tu **cuidaste en** tua uõõtade;
 (09) Eu **cuidaua que** esto era carneyro...
 (10) ...e a uirgem **cuida aquellas** cousas que som de Deus.

Nos excertos (06) e (07), o emprego do verbo-suporte permite a caracterização do SN *grande cuidado*, o que não seria possível com o verbo pleno correspondente, como é o caso dos excertos (08), (09) e (10), que não apresentam essa versatilidade semântica.

⁵ Satélites são os termos que não fazem parte da rede argumental do verbo.

⁶ Utiliza-se *cuidar* no sentido de pensar, julgar, ponderar.

Outras ocorrências encontradas foram *tomar deleitação* e *deleitar*.

- (11) ...que **toman deleitação da** boa andança...
- (12) E diz Aristotelles que os maaos som cheos de rreprehendimento, ca logo ficam tristes **daquelle** en que primeyro **tomaron deleitaçom**.
- (13) E tam marauilhosam^{1/2}te **me deleito** ^{1/2}nas uozes...
- (14) ...**sse deleita** a carn^{1/2} **com** manjares...
- (15) ...pera **se deleitar**^{1/2} os que hi estauã.

Em (11) e (12), com o verbo-suporte *tomar deleitação*, temos complementos para o SN *deleitaçom*: em (11), esse complemento é desempenhado pelo SN *da boa andança*; em (12), essa função é desempenhada por *daquelle*. Em (13), (14) e (15), o verbo pleno não requer argumentos internos e o que temos são satélites (*enas vozes*; *com manjares*), nos dois primeiros, e um verbo empregado pronominalmente, no último (*deleitar-se*).

Tomar fiança e *fiar* são apresentados nos excertos:

- (16) ...**tomou fiança** ^{1/2} Jhesu Christo.
- (17) ...**fiando**-sse pouco ^{1/2}nos corações dos hom^{1/2}^{1/2}s...

Em (16) e (17), temos complemento nominal do SN *fiança* (*Jhesu Christo*) e argumento interno para o verbo pleno *fiar* (^{1/2}nos corações dos hom^{1/2}^{1/2}s). Além disso, não temos caracterização do SN em (16), embora, caso queira, o enunciador possa fazê-lo; basta introduzir um advérbio cujo escopo seja o SN *fiança* (tomou *pouca* fiança, por exemplo). Em (17), a ocorrência desse advérbio, mais uma vez, comprova que seu escopo de incidência é o verbo pleno (*fiar-se pouco*).

Tomar glória e *gloriar* encontram-se nos excertos:

- (18) Mas tanta **gloria tomaron de** que uencerom...
 (19) E começou de **gloriar** se muyto porque asy escapara...
 (20) ...non se deue hom½ **gloriar da** boa andança...

Em (18), além da caracterização do SN por meio do quantificador *tanta*, temos também o complemento do SN desempenhado por *de que uencerom*, que pode ser entendido como *Mas tanta gloria tomaron de sua vitória...* Essa mesma caracterização do SN, obtida com o emprego do verbo-suporte, não é possível no caso do verbo pleno *gloriar*, presente em (19) e (20), em que temos o mesmo verbo com valências distintas: em (19), ele não requer argumento interno e apresenta um quantificador, representado pelo advérbio *muyto*, cujo escopo é o verbo pleno; em (20), temos o argumento interno *da boa andança*.

Para *tomar pesar* e *pesar*⁷, encontramos as seguintes ocorrências:

- (21) ...por tal que **tomassen** noio e **pesar con** todos os b½½s que vissem aos moradores delas.
 (22) Muyto **pesa** mais per justo juizo que hia uergonça;
 (23) ...**pesando** lhe **do** que auia fecto contra aquelle frade.

No excerto (21), temos estrutura semelhante àquela encontrada em (18), exceto pelo destaque dado agora ao verbo-suporte *tomar pesar*. O complemento, porém, segue a mesma regra (preposicionado). Em (22), a forma plena *pesar* não vem preposicionada. O mesmo não ocorre com o excerto (23), no qual a forma *pesando* é regida pela preposição *de*, além de possuir também um terceiro argumento, o pronome *lhe*.

⁷ Nesse contexto, *pesar* não desempenha funções idênticas, embora a forma possa induzir. *Pesar*, na fase arcaica da língua, podia desempenhar, sob a mesma forma, as funções de nome e de verbo. Nessa comparação, portanto, em *tomar pesar*, *pesar* é SN, e *pesar*, empregado isoladamente, é verbo pleno.

Tomar prazer e prazer estão presentes nos excertos:

- (24) ...quando lhe morr½ sseus parentes e seus amigos, **tomam prazer** e fazem grandes convites.
 (25) Mas ante deuia **tomar** grande **prazer** andar desuiado e alongado de tal carreyra.
 (26) Muyto me **prazeria que** todo o poboo de Rroma ouesses hĩa guarganta.
 (27) E elle lhe disse: Non me **praz dellas...**
 (28) Outrossy diz Sam Gregoryo que mais **praz aos** justos...

Em (24), embora não esteja explícito, anaforicamente podemos interpretar que a construção *tomam prazer* se refere a *quando lhe morr½ sseus parentes e seus amigos*. Em (25), além de haver explicitamente um complemento para o SN (*prazer*), ocorre também a caracterização desse SN por meio do determinante *grande*. Cotejando essas duas construções com aquelas em (26), (27) e (28), estas últimas são construídas com verbo pleno que requer argumentos internos, respectivamente, uma oração subordinada, o pronome *me* e o SN *aos justos*.

Uma última ocorrência levantada foi *tomar vingança* e a sua forma plena correspondente *vingar*. Os excertos são os seguintes:

- (29) Nem curauã **tomar vingança**, como quer que eram gentiis.
 (30) ...dos quaaes Deus **tomou** algias uezes **vingança**";
 (31) ...por se **vinguar da** enjuria que lhe auia facta...
 (32) Ca eu me quisera **vinguar da** tua molher...
 (33) E penssou muyto como sse **vingaria de** Aristotiles...

Em (29), ocorre mais um caso de redução da valência verbal, não sendo necessária a presença de complementos à

construção *tomar vingança*. Em (30), ao contrário, ocorre a presença do argumento interno (*dos quaaes*), o que evidencia que é possível prescindir dele, dependendo do contexto. Isso, entretanto, não ocorre quando o verbo é pleno, como em (31), (32) e (33), em que temos os argumentos internos *da enjuria*, *da tua molher*, *de Aristotiles*, respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revermos as diversas definições e características apontadas para as construções com verbo-suporte, quer no português contemporâneo, quer no português arcaico, foi-nos possível, conforme alega Ranchhod (s/d), comprovar que, de fato, as construções com verbo-suporte são um patrimônio da língua portuguesa, pois seu emprego já era bastante frequente no português arcaico.

Excetuando-se algumas características que diferenciam os exemplos das duas sincronias, como a ordem dos constituintes e o inventário dos verbos, no geral, o emprego do verbo-suporte em detrimento do verbo pleno respectivo aponta para características convergentes: em muitos dos casos analisados, ocorre a detransitivização do verbo e a caracterização do SN que sucede o verbo-suporte. Essas possibilidades, como vimos, não podem ser alcançadas com o emprego dos verbos plenos correspondentes.

Conforme mencionamos, incluímos aqui apenas as construções com o verbo *tomar* que apresentavam, no *corpus* analisado, um verbo pleno correspondente morfológicamente. Isso, todavia, não descarta a possibilidade de que, em outros *corpora*, houvesse ou haja essas formas. É necessário, portanto, estender os *corpora* de análise para, de forma ampla, ilustrar essa possível correspondência. Ademais, é sempre bom lembrar que, nessa fase do português, assim como em fases recuadas de outras línguas que utilizam semelhantes

construções, uma das maiores dificuldades reside no seu aspecto semântico.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FERREIRA, J. de. Les verbes *haver-tener* et l'emploi de l'anaphorique y dans de *Libro de los Gatos*. *Boletim de Filologia*, Lisboa: INIC, 1997. XXVI, p. 245-270.

BAPTISTA, J. Construções simétricas: argumentos e complementos. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4572.pdf>. Acesso em 21 ag. 2008.

_____. Sintaxe dos predicados nominais. Breve Panorâmica. Disponível em <<http://w3.ualg.pt/~jbaptis/download/EquipalG/Sintaxe%20dos%20Predicados%20Nominais%20-%20Breve%20panor%C3%A2mica.ppt>>. Acesso em 21 ag. 2008.

BARROS, J. de. *Gramática da língua portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em louvor de nossa linguagem e Diálogo da viciosa vergonha*. Edição de Maria Leonor Buescu, Lisboa, Faculdade de Letras.

CHACOTO, L. Predicados nominais com o *fazer* no português medieval. In: *ACTAS do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*, Braga-Guimarães, 1996. p. 69-77.

GIRY-SCHNEIDER, J. Le noms construits avec *faire*: compléments ou prédicats? Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lr_00238368_1986_num_69_1_6362_Prescript_Search_isPortletOuvrage=false>. Acesso em: 10 out. 2007.

MATTOS E SILVA, R. V. Vitórias de ter sobre haver. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/vitorias.html>>. Acesso em: 03 jul. 2008.

NEVES, M. H. M. Estudo das construções com verbo-

suporte em português. IN: KOCK, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora Unicamp, Fapesp, 1996, p. 201-231.

NEVES, M. H. M.. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M.. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

ORTO DO ESPOSO. Texto do fim do século XIV ou comêço do XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário por Bertil Maler. Lisboa: INC, 1956.

PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, v. VI, p. 275-299.

RANCHHOD, E. M. Construções com nomes predicativos na Crônica Geral de Espanha de 1344. Disponível em: <<http://label.ist.utl.pt/publications/docs/Cintra.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2008.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve Dar e nominalizações em -ADA no português do Brasil*. Campinas: Instituto de Estudos de Linguagem, Unicamp, 2004 (Tese de Doutorado).

VIEIRA, M. dos S. *Estruturas com verbos funcionais em textos jornalísticos brasileiros e portugueses*. Anais do 4.º encontro do CelSul. Curitiba: 2001, p. 583-590.

VIEIRA, M. dos S.. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 362 fl. Mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, 2001.